

**TEATRO, IMPROVISAÇÃO E ESCOLA:
Reflexões na perspectiva enunciativa bakhtiniana**

Jean Carlos Gonçalves¹

RESUMO

Essa pesquisa, vinculada ao grupo de pesquisa “Discurso e práticas educativas”, pretende compreender o sentido de escola que permeia o discurso de alunos de teatro, a partir de exercícios de improvisação teatral. A coleta de dados foi realizada com a participação de cinco alunos de teatro de 7ª e 8ª séries, integrantes do Projeto Artenomia em uma escola municipal na cidade de Balneário Camboriú – SC. A partir do convite aos sujeitos para que improvisassem uma cena teatral com o tema: escola, buscou-se investigar os sentidos dos discursos produzidos entre eles, e os lugares sociais dos quais enunciam enquanto personagens da esfera escolar. A materialidade lingüística foi obtida pela transcrição de duas cenas criadas, a primeira delas forma o corpus de análise; complementando a coleta utilizou-se o diário de campo. O mirante teórico é o da teoria da enunciação, tendo em Bakhtin seu principal referente. As relações de poder são analisadas sob a ótica foucaultiana. A improvisação, utilizada neste trabalho como meio de representação, é discutida a partir de Spolin e Johnstone. Os dados apontam para uma compreensão de escola em que os sujeitos falam de lugares e status estabelecidos e exercidos socialmente, em um espaço de conflitos e interlocuções permeadas por jogos de poder, em que a situação é caótica (anomia) e a prática pedagógica, moralizante. Também é possível concluir e defender a improvisação teatral como recurso metodológico para a compreensão de situações enunciativas.

Palavras-chave: Teatro. Improvisação. Escola. Discurso. Sentido. Bakhtin.

ABSTRACT

This research, linked to the research named Speech and the education practices intend to understand the sense of school that involves the theater students' discourse, from the theatrical improvisation exercises. The collection of the information was realized with 5 students of 7^a and 8^a grade, members of the ARTENOMIA project in a public school of Balneário Camboriú - SC. After the invitation to the students to improvise a theatrical scene with the theme: school, we tried to investigate the sense of the speech produced among them, and the social places from where they enunciate as characters of the school sphere. The linguistic materialization was obtained from transcription of two created scenes; the first of them is the analysis corpus. The collection was complemented by using the diary field. The theoretical view is the enunciation theory, mainly based on Bakhtin. The power

¹ Jean Carlos Gonçalves é Doutorando em Educação (UFPR). Mestre em Educação (FURB). Bacharel e Licenciado em Interpretação Teatral(FURB). Atualmente é professor da área de Prática Teatral na Licenciatura em Artes Cênicas – UDESC e de Preparação Corporal no Bacharelado em Interpretação Teatral – FURB. jeancarlos1@bol.com.br

relations are analyzed based on Foucault point of view. The improvisation used in this work as the mean of the representation is discussed from Spolin and Johnstone. We could see a comprehension of school in which the students talk about established places and status social practiced in a situation of conflict and dialogues permeated by power games, in a chaotic situation (anomia) with practice of a moralized pedagogy. It is also possible to conclude and defend the theatrical improvisation as the methodology device to the understanding of the enunciated situations.

Keywords: Theater. Improvisation. School. Discourse. Sense. Bakhtin.

1. A Pesquisa

Esse texto é um recorte da dissertação de mestrado intitulada *A escola em discurso: análise enunciativa de um exercício de improvisação teatral*, defendida em 2008 no programa de pós-graduação em Educação da FURB – Universidade Regional de Blumenau.

Estabelecer um tema de pesquisa é, assim, demarcar um campo específico de desejos e esforços por conhecer, por entender nosso mundo e nele e sobre ele agir de maneira lúcida e conseqüente.[...] Pesquisar é buscar um centro de incidência, uma concentração, um pólo preciso das muitas variações ou modulações de saberes que se irradiam a partir de um mesmo ponto.(MARQUES, 2003)

Por entender a pesquisa como busca por reflexões que constituem o pesquisador, apresento os passos da investigação, desde as primeiras intenções ao entrar no programa até um fragmento de análise de dados.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Teatro - PCN (1998) a improvisação é citada como sugestão de trabalho teatral, como forma de valorizar o processo de aprendizado dos alunos. Para Viola Spolin (2000), é justamente na oportunidade de trabalhar o processo de criação cênica que a Improvisação encontra seu objetivo educativo, pois não se avalia somente o resultado final, a apresentação, mas o percurso dos educandos.

A autora aborda a improvisação como estratégia eficaz para a apreensão de conhecimentos sobre a arte do ator tanto em grupos de atores profissionais como em escolas de teatro e escolas formais:“O mundo fornece o material para o teatro, e o crescimento artístico desenvolve-se par e passo com o nosso reconhecimento e percepção do mundo e de nós mesmos dentro dele” (SPOLIN, 2000, p. 13). Assim, não teria sentido a existência de um fazer artístico alienado da realidade e da sociedade, que não gerasse uma reflexão, que fosse desprovido de uma função social. O mundo do teatro produz,

simultaneamente, um reconhecimento e um contato com o mundo exterior. Dessa forma, quando o aluno vê as pessoas ao seu redor, a maneira como se comportam, ouve os sons produzidos em uma interação, ele adquire uma visão mais ampla de como acontecem as relações em seu mundo pessoal e seu desenvolvimento como ator é acelerado, pois a observação é um constante treinamento atoral.

Com a escola é um espaço de relações sociais e interlocução entre seus sujeitos, escolhi a improvisação teatral como forma de representação desse espaço. Se a arte discute e é inseparável de aspectos relacionados à vida humana, essa escolha é justificada se admito que no momento em que improvisam, os alunos de teatro trazem para a cena, no ato fisiológico da materialização da palavra, sua visão de mundo, que, por sua vez, é recorrente de uma vivência em determinado meio social, do contexto no qual estão inseridos e de sua própria história.

Compreender os sentidos de escola que permeiam o discurso de alunos de teatro a partir de exercícios de improvisação teatral é o objetivo geral do trabalho. Como objetivos específicos, pretendo: a) analisar a produção dos enunciados a partir do *status* exercido pelos atores nos lugares sociais de diretor, professor e aluno enquanto personagens de uma encenação da esfera escolar; b) refletir, através dos discursos improvisados teatralmente, sobre as relações de poder estabelecidas na sala de aula.

Para atingir tais objetivos, em maio de 2006 apliquei um teste-piloto para perceber a possibilidade de realização de uma pesquisa com esta abordagem. Pelo sucesso desse teste-piloto decidi que uma das cenas resultantes do material coletado seria, então, a materialidade lingüística para investigação. Na ocasião estava ministrando aulas de Teatro, pelo Projeto Artenomia, em uma escola de Balneário Camboriú. Com a autorização da direção da escola, em um dos encontros com o grupo dos alunos maiores (integrantes de 7ª e 8ª séries) propus a realização da pesquisa.

A Fundação Cultural de Balneário Camboriú, apóia o Projeto Artenomia, existente desde 2001 nas escolas da rede municipal da cidade de Balneário Camboriú - SC, que tem como objetivo ensinar Teatro e Dança a alunos do Ensino Fundamental, em horário oposto ao período das aulas regulares, abrangendo uma clientela que vai desde os alunos da pré-escola até os da 8ª série. Os grupos são formados considerando a faixa etária dos participantes. As aulas oferecidas por esse projeto são optativas. Decidi convidar o grupo

composto por alunos de 7^a e 8^a séries para participar da pesquisa, pois seus participantes possuem mais experiência teatral se comparada com os sujeitos das séries anteriores.

A coleta de dados foi realizada em uma escola que conta com uma estrutura física de três andares com aproximadamente dez salas em cada um deles. É a única escola da rede municipal que no ano de 2006 contava com uma sala-ambiente para cada disciplina. O anfiteatro, onde acontecem as aulas do projeto Artenomia, está localizado no primeiro andar, e não é utilizado apenas para o projeto, mas também para reuniões e eventos. Uma pequena sala dentro do anfiteatro tem a função de camarim, onde são guardados cenários e figurinos. O espaço contém uma parede com espelho, um palco, e barras de sustentação para as aulas de treinamento físico (expressão corporal e técnica de dança). Um aparelho de som é disponibilizado para uso exclusivo dos professores desse projeto.

No dia da realização do teste-piloto, comecei o encontro com alguns aquecimentos teatrais (jogos e treinamento físico de ator) e em seguida conversei com o grupo sobre as regras de um jogo cênico. Seguindo a metodologia proposta por Spolin solicitei ao grupo que se dividisse em duas equipes e se organizasse em palco-platéia, onde um time de atores pudesse encenar/jogar/improvisar e outro assistisse aos colegas. Ressaltei que, ao improvisar, os atores precisam estar concentrados em três aspectos fundamentais na construção de uma encenação improvisada: o *ONDE* (lugar onde acontece a ação), o *QUEM* (quais personagens estão sendo representados) e o *O QUE* (o motivo da ação).

Solicitei ao primeiro grupo que improvisasse uma cena, sem ensaio prévio, com o tema: escola. Deixei que os atores se dispusessem da forma como desejassem. A primeira formação espacial foi a de uma sala de aula. Gravei em áudio esse primeiro exercício, e solicitei a troca dos sujeitos. Agora, quem havia assistido, faria a encenação e vice-versa. A formação espacial também foi a de uma sala de aula. Também gravei essa segunda cena. As anotações em diário de campo foram feitas em seguida. Ao transcrever os dados, percebi que a coleta resultou em uma série de registros suficientes para merecer um estudo.

Por compreender que a materialidade lingüística precisa ser analisada com profundidade, selecionei como *corpus* da pesquisa somente o primeiro exercício criado pelos sujeitos. A opção pelo primeiro grupo se deve ao fato de que os discursos provenientes da improvisação não sofreram interferências de um material criativo anterior, como no caso do grupo que apresentou posteriormente. Segundo Bakhtin (2003), ao

exteriorizar a palavra, o discurso do sujeito é constituído pelo que ele ouve, sua constituição se dá pelo dizer do outro. Entendendo, portanto, que a primeira encenação já continha dados suficientes para uma análise, preferi trabalhar com um *corpus* delimitado, que permitisse um aprofundamento maior nas discussões teóricas.

2. Mirante teórico

Uma pesquisa, para adquirir validade (BOGDAN & BIKLEN, 1994), precisa se ancorar teoricamente em autores que possam complementar as reflexões propostas pelo pesquisador desde a construção metodológica até a análise dos dados. Apresento ao leitor o aporte teórico que fundamenta essa pesquisa. Ele é constituído por múltiplos olhares, dando ao texto uma característica heterogênea através de cinco autores: Bakhtin (2003), Foucault (1998,2003), Ubersfeld (2005), Spolin (2000) e Johnstone (1990), acompanhadas, também, de outros referenciais que se fizeram necessários durante o percurso. Apresento, também, uma breve reflexão sobre a forma como esses autores podem conversar nessa pesquisa.

Escolhi, primeiramente, a teoria de enunciação (BAKHTIN, 2004), por compreender que o sujeito, em situação de interação com o outro, constitui a produção de seus enunciados a partir de vozes que circulam socialmente e que antecedem seu dizer.

O estudo do discurso humano, suas diferentes manifestações sociais e suas implicações na vida cotidiana, não pode dispensar a importância da palavra como instrumento da interação. A primeira atitude de um sujeito em relação a um acontecimento novo, ou que não está previsto, geralmente tem a palavra, ou o silêncio, como reação ao inusitado:

Ela [a palavra] é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige a alguém. [...] Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. (BAKHTIN, 2004, p.113)

O termo diálogo, nessa pesquisa, não é utilizado para fazer referência ao mesmo sentido que é atribuído a esta palavra no âmbito do senso comum. Entendo, a partir de Bakhtin (2003), as relações dialógicas como espaços de tensão entre vozes sociais. Espaços onde cada palavra é materializada a partir de outros enunciados que circulam socialmente e dos dizeres anteriores à sua exteriorização. O sujeito, portanto, fala a partir do discurso do

outro, para o discurso do outro e com o discurso do outro. Para Bakhtin, não existe um objeto do discurso que não seja dialógico. Em Flores (2005) o conceito de dialogismo pode ser aplicado tanto ao texto escrito quanto à oralidade, pois aponta para um sujeito que, a partir da alteridade da interlocução, produz um enunciado permeado por outros discursos, por outras vozes. A voz, em Bakhtin (2003), não é discutida somente como emissão de som, mas como representação de um discurso, como figura subjetiva, emissora de enunciados imersos em um contexto histórico e social.

Analiso, nessa pesquisa, os enunciados das personagens criadas em uma improvisação teatral, na qual os atores dialogam a partir dos papéis de professor, diretor e alunos de uma escola fictícia, por isso, trago para a discussão, Ubersfeld (2005), para nortear a reflexão sobre a enunciação teatral. Para autora, há um dialogismo constitutivo do texto de teatro: a personagem não fala sozinha, pois seu texto tem um autor. A esse fenômeno a autora chama de dupla enunciação. No caso dessa pesquisa, os autores dos discursos das personagens são os próprios sujeitos, pois o texto é improvisado, isto é, criado no ato da materialização da palavra. Assim, autor e personagem falam ao mesmo tempo. Isso fundamenta a teoria de que os enunciados produzidos no exercício de improvisação são constituídos tanto pelas vozes das outras personagens da cena enunciativa, como pelas vozes que constituem ou constituíram o sujeito enunciador (o aluno participante da cena).

Ao aproximar a teoria da enunciação da improvisação teatral, entendo que essa última só pode acontecer em uma “coesão de um ator atuando com outro” (SPOLIN, 2000, p.18). Na atuação improvisada, cada ator responde a outro partindo dos enunciados que emergem instantaneamente de um trabalho equilibrado entre aquilo que vem do seu exterior e aquilo que vem seu interior (idem), possibilitando que o jogo cênico consista no surgimento de respostas (enunciados) no próprio ato improvisacional. É aí que as personagens estabelecem suas relações, e apresentam-se às outras. É aí, também, que o autor dos discursos, o aluno, apresenta sua visão de mundo e as vozes que constituem seus enunciados, mesmo que não tome consciência disso durante o exercício de improvisação.

Nos exercícios de improvisação que propus ao grupo para a realização dessa pesquisa, os atores podiam improvisar livremente seguindo apenas a instrução de improvisar a partir do tema: escola. Não havia um texto prévio, alguém que se

responsabilizasse pela produção dos discursos que iriam emergir. Os sujeitos da pesquisa, portanto, ao criar as personagens, não tinham consciência de que eram também seus autores. Isso possibilitou que os alunos retratassem a escola sem qualquer tipo de constrangimento ou medo de serem mal compreendidos, pois afinal, estavam fazendo teatro, e o teatro permite que o ator vivencie em cena situações aquém de julgamentos sobre sua vida pessoal.

As personagens criadas pelos atores falam de uma determinada posição social, exercendo poderes umas sobre as outras. Isto justifica a presença do conceito de *status* (JOHNSTONE, 1990) na análise dos dados. Para este autor, os exercícios de improvisação só podem obter êxito se o ator estiver consciente do *status* de sua personagem na interação com os outros participantes da cena. Bakhtin (2004) também ressalta que cada sujeito possui um *status* social, lugar do qual se comunica com seus interlocutores.

Os dados da pesquisa apontam para uma escola como espaço de conflitos e relações de poder, por isso Foucault (1998; 2003) passa a permear a reflexão, fundamentando a análise de que os sujeitos enunciam de um lugar determinado socialmente. A aproximação entre Foucault e Bakhtin é possível nessa pesquisa, pois os autores apontam para a noção de sujeito como um ser que enuncia de um lugar social e é constituído pelo discurso do outro.

É a partir desta visão dialógica que converso com o leitor, ciente de que minha voz não está sozinha e de que esse texto é constituído pelas vozes dos autores que me auxiliam no processo teórico de compreensão dos discursos produzidos pelos sujeitos da pesquisa.

3. Discussão e resultados

Nesse artigo me detenho analiso o primeiro episódio do exercício cênico, transcrito para a pesquisa:

Bobo - Posso ir no banheiro?

Professor - Não, não pode ir no banheiro. Quietinhos e escrevendo.

Bobo - Eu vou mijar aqui no latão...

Professor - Hei, hei, hei. Vai pra diretoria se continuar assim, hein...

Bobo - Aposto quanto que eu mijo no latão?

Professor - Olha moleque. é bom tu ficar quieto. vou chamar a diretora desse jeito.

Ao pedir para ir ao banheiro e ter seu pedido negado pelo professor, Bobo prefere aderir a uma postura de resistência, enunciando: *Eu vou mijar no latão...* Mesmo com a ordem para que ele fique em silêncio, o aluno ainda reafirma sua postura: *Aposta quanto que eu mijo no latão?* Neste momento a situação comunicativa começa a ficar conflituosa, pois até então, todos os enunciados da personagem Professor haviam sido aceitos pelo grupo. Para Bakhtin (2004), a atitude responsiva está presente na situação comunicativa, e é responsável pelos dizeres dos sujeitos. Assim, se Bobo tivesse optado por esperar o horário de intervalo para ir ao banheiro, a encenação teria tomado outro rumo. Como o aluno ameaça suprir suas necessidades fisiológicas no latão de lixo, o professor também parte para a exteriorização de um enunciado que prenuncia o que pode acontecer em seguida: o encaminhamento de Bobo para a diretoria.

Para Nuernberg (2002), o lugar social de aluno é constituído pelo lugar social de professor e vice-versa. Essas posições se articulam por meio de relações de reconhecimento mútuo, efetivadas nas trocas sociais que acontecem no espaço escolar.

No dizer da personagem Professor: *Quietinhos e escrevendo.*, há um discurso sobre o seu lugar social e seu poder diante dos alunos. Primeiramente podemos sinalizar uma ordem: *Quietinhos*. O desejo de silêncio, para que apenas a voz do professor seja ouvida, aponta para um direito que a personagem acredita ter adquirido pelo fato de ser professor. Ainda nesse dizer ele aponta para uma tarefa que cabe ao aluno: escrever, afirmando que não é necessário um acordo sobre o que se faz na escola, como se isso já estivesse pré-estabelecido.

O lugar de professor, segundo Arroyo (2000), carrega traços marcantes, misturados e incômodos, que personificam uma imagem que foi construída socialmente, no decorrer da história. O autor aponta para a imagem do professor como resultado de uma herança social, vocacional, a imagem do mestre divino, detentor do saber, salvador, que professa uma arte e abraça doutrinas, modos de vida e ideais e por isso, precisa ser respeitado como tal. A ordem da personagem que evoca silêncio no discurso acima é, portanto, fruto de um discurso que foi construído socialmente.

O discurso: *é bom tu ficar quieto, senão vou chamar a diretora...* é exteriorizado no momento em que o professor não consegue fazer com que o aluno fique em silêncio. Sua opção é, portanto, retirá-lo da sala de aula e encaminhá-lo a alguém que tenha um lugar de

maior poder no espaço escolar: o diretor. Para Foucault (2003), o poder está em toda parte, a todo o momento o sujeito é vigiado por seus superiores. Mas estes superiores também são distribuídos em diferentes categorias, nas quais os que exercem menos poder têm o dever de registrar todas as suas observações e transmiti-las aos maiores. É assim tanto em uma prisão ou hospital, quanto em uma escola. Quando a personagem Professor não consegue contornar o conflito na sala de aula, sua saída é enviar o aluno para outro espaço: a diretoria.

Os discursos das personagens da cena enunciativa apontam para uma escola onde os relacionamentos exercidos na sala de aula são constituídos pelos lugares sociais, imagens, auto-imagens e *status* exercidos na interação entre os sujeitos. Nessas relações o poder transita, é disputado e marca os enunciados produzidos na interação.

4. Considerações Finais

Por ser, a situação comunicativa analisada, parte de um exercício de improvisação teatral, sugerimos ao leitor um olhar para a escola através do teatro, reconhecendo com Spolin (2000) que o material cênico existe a partir da percepção do mundo:

Quando o aluno vê as pessoas e a maneira como elas se comportam quando juntas, quando vê a cor do céu, ouve os sons no ar, sente o chão sob seus pés e o vento em sua face, ele adquire uma visão mais ampla de seu mundo pessoal e seu desenvolvimento como ator é acelerado. (SPOLIN, 2000, p. 13)

Dessa maneira, afirmamos, ao concluir essa pesquisa, que ao improvisar, o aluno-ator, que também pode neste momento ser chamado de aluno-autor, traz para o exercício teatral os discursos que o constituem, que fazem parte de suas vivências pessoais. As personagens criadas para esta pesquisa, portanto, retratam os sentidos atribuídos à escola pelos seus autores, os alunos de teatro: uma escola permeada por uma situação caótica, onde a prática social é moralizante.

A contribuição desta pesquisa consiste em sugerir a prática teatral como possibilidade de dar voz ao aluno. O teatro na educação, mais do que uma opção curricular é uma oportunidade de expressão e de inserção do sujeito nas interações sociais. Koudela (1984) defende o ato criador como uma relação entre o que está sendo proferido pelo artista

e sua visão de mundo, pois a arte é uma forma de percepção da vida que abre caminho para o conhecimento.

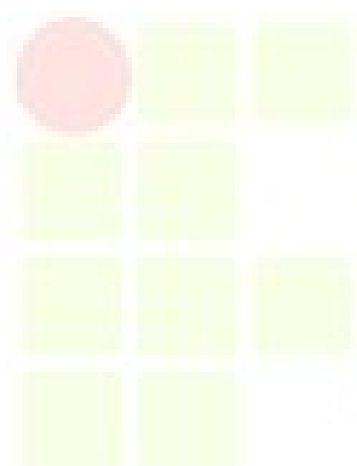
Os discursos produzidos no exercício teatral analisado nesta pesquisa nos permitem compreender os sentidos que os sujeitos participantes da improvisação atribuem à escola, a partir de uma manifestação artística. Assim, a reflexão que propomos ao leitor, ao finalizar esse texto, parte do enunciado:

“Qualquer semelhança não é mera coincidência”

Referências bibliográficas

- ARROYO, M. G. *Ofício de mestre: imagens e auto-imagens*. 3. ed. Rio de Janeiro. Vozes, 2000.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução para a Língua Portuguesa: Michel Sahud e Yara Frateschi Vieira ; 11. ed. São Paulo. Hucitec, 2004.
- _____. *Estética da Criação Verbal*. 4. ed. São Paulo. Ed Martins Fontes, 2003.
- BAUER, M; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis. Vozes, 2002.
- BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto. Porto Ed., 1994.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Artes*. Brasília, 2001.
- _____. *A ordem do discurso*. 4. ed. São Paulo. Loyola, 1998.
- _____. *Vigiar e Punir*. 27. ed. Petrópolis. Vozes, 2003.
- JOHNSTONE, K. *IMPRO, Improvisación y el Teatro*. Santiago do Chile. Editorial Cuatro Vientos, 1990.
- KOUDELA, I. *Jogos teatrais*. São Paulo. Perspectiva, 1984.
- MARQUES, M. *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. 4. ed. Ijuí. Unijuí, 2003.
- NUERNBERG, A.H. Os processos de negociação dos lugares sociais dos lugares sociais de professora e alunos no contexto da escolarização formal. *Educação e Sociedade*. v. 23. n.81. Campinas, 2002.
- SPOLIN, V. *Improvisação para o Teatro*. Tradução para a Língua Portuguesa: Ingrid Koudela e Eduardo Amos. São Paulo. Perspectiva, 2000.

UBERSFELD, A. *Para ler o teatro*. São Paulo. Perspectiva, 2005.



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA